



CAVIN ORTLUND

Questões doutrinárias pelas quais vale a pena lutar



EM DEFESA DA TRIAGEM TEOLÓGICA

Um livro oportuno e bem escrito sobre um assunto de importância vital. Ortlund nos lembra que os teólogos cristãos devem considerar-se, antes de mais nada e sobretudo, servos da Grande Comissão. Ele nos mostra o quanto da academia cristã se distanciou da missão evangélica. A Bíblia é um livro teológico, pastoral e evangelístico — e esses aspectos nunca devem ser separados, para que nada se deturpe. Passarei a usar este livro imediatamente com nossa equipe pastoral e de presbíteros!

J.D. Greear, presidente da Southern Baptist Convention; autor de *Not God enough*; pastor da The Summit Church, Raleigh-Durham, Carolina do Norte.

Gavin Ortlund é um estudioso e líder que tanto empunha a espada do Espírito como apresenta o fruto do Espírito. Ele não só está na causa de Jesus, como também o faz com amor, senso de santidade e missão. Em um tempo tristemente marcado pela controvérsia, o livro nos mostra como devemos amar uns aos outros e permanecer juntos na missão, mesmo quando consideramos de forma diferente algumas doutrinas não essenciais. Eis um livro necessário e cheio de sabedoria.

Russell Moore, presidente da Comissão The Ethics & Religious Liberty da Southern Baptist Convention.

Em poucas palavras: um livro importante. Com a visão de um historiador, a precisão de um teólogo e a sabedoria de um pastor, Gavin Ortlund deu à igreja um valioso manual para que possamos lidar com nossos contínuos desafios doutrinários e curar nossas contínuas divisões doutrinárias.

Jared C. Wilson, professor assistente do ministério pastoral do Spurgeon College; autor em residência no Midwestern Baptist Theological Seminary; autor de *The imperfect disciple*.

Alguns parecem pensar que a fidelidade a Deus é medida pelo quanto se debate sobre as coisas. Sou muito grato ao livro de Gavin Ortlund, que nos lembra que a fidelidade pode ser definida de maneiras muito mais bíblicas. Ortlund não finge ter as respostas para encerrar todos os debates eclesiais, mas nos ajuda a compreender que deixar de distinguir questões fundamentais de secundárias e terciárias equivale ao abandono da prudência pastoral essencial à missão de Cristo. O próprio Jesus disse: “Ainda tenho muitas coisas para lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora”. Para pastores que atuam com o cuidado e a coragem de Jesus, ser paciente não significa transigir, bondade não é sinônimo de fraqueza e a missão de Cristo deve substituir nossas vitórias pessoais. Nesse livro fascinante e desafiador, Ortlund honra a forma de agir de Jesus, bem como sua mensagem.

Bryan Chapell, pastor da Grace Presbyterian Church,
Peoria, Illinois.

Existem poucas necessidades hoje tão urgentes quanto a abordada por Gavin Ortlund com tanta habilidade nesse livro maravilhoso. A perspectiva teológica saudável e a estabilidade estão ausentes em uma época de escalada imediata e fúria. Esse livro pode transformar nosso pensamento, nossa capacidade de estender a comunhão e nosso testemunho ao mundo. Oro para que ele seja lido por muitos e que lhe deem a devida atenção.

Sam Allberry, autor de *Why does God care who I sleep with? e Seven myths about singleness.*

Até onde me lembro, esse é o primeiro livro de seu gênero e deveria ter sido lançado muito tempo atrás. Gavin Ortlund prestou um serviço tremendo à igreja ao fornecer uma perspectiva clara, irênica e bem fundamentada (e, claro, bíblica) sobre a importância comparativa de nossas muitas doutrinas cristãs. Na igreja atual, alguns travaram

uma luta vigorosa e “perderam” sem necessidade ao defender quase todos os pontos pelos quais não valia a pena lutar, enquanto outros, em nome da unidade, não encontram nenhum ponto pelo qual valha a pena lutar. A esses dois tipos de pessoas e a todos os outros que se encontram entre os dois extremos, digo: “Leiam este livro!”.

Sam Storms, pastor sênior da Bridgeway Church, Oklahoma, e autor de *Escolhidos: uma exposição da doutrina da eleição e Dons espirituais: uma introdução bíblica, teológica e pastoral* (Vida Nova).

Nesta época de lutas teológicas e de comprometimento da verdade, Gavin Ortlund lança uma convocação em prol da sabedoria. Não é preciso concordar com ele em tudo para apreciar seus conselhos saudáveis e esclarecedores. Eis um livro importante para nosso tempo, a fim de ajudar a igreja na luta pela fidelidade à palavra de Deus e pela unidade cristã correta.

Michael Reeves, presidente e professor de Teologia da Union School of Theology, Oxford.

Gavin Ortlund nos ajuda a pensar bem, como irmãos e irmãs em Cristo, sobre os pontos em que a verdade deve ser defendida com firmeza e as linhas imutáveis devem ser traçadas. Ele também nos ajuda a saber onde estender a graça e discordar com amor enquanto trabalhamos juntos para o cumprimento da Grande Comissão e para a edificação da igreja do nosso Senhor. Esse livro é muito necessário nos nossos dias. Que nosso Salvador o use para nosso bem e para sua glória.

Daniel L. Akin, presidente do Southeastern Baptist Theological Seminary.

Ao Covenant Theological Seminary
e à Immanuel Church, em Nashville,
duas instituições que manifestam beleza
em sua cultura teológica.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	13
<i>Prefácio de D. A. Carson</i>	15
Introdução	19

PARTE I

POR QUE A TRIAGEM TEOLÓGICA?

1 O perigo do sectarismo doutrinário	29
2 O perigo do minimalismo doutrinário.....	47
3 Minha jornada por entre as doutrinas secundárias e terciárias	63

PARTE 2

A TRIAGEM TEOLÓGICA EM AÇÃO

4 Por que vale a pena lutar pelas doutrinas primárias?	77
5 Navegando pela complexidade das doutrinas secundárias.....	99
6 Por que não devemos nos dividir em relação às doutrinas terciárias?	131

CONCLUSÃO: Um chamado à humildade teológica	153
---	-----

<i>Índice remissivo</i>	163
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	173

Agradecimentos

Um dos meus objetivos neste livro era escrever com sensibilidade a respeito das verdadeiras questões que afetam as igrejas locais. Assim, realizei uma série de entrevistas com vários pastores a fim de aprender sobre o papel desempenhado das doutrinas divergentes em seu ministério. Expresso meu apreço aos pontos de vista de Brad Andrews, Jeremiah Hurt, J. A. Medders, Ben Vrbicek, Simon Murphy e Hans Kristensen. Kristensen e Murphy foram especialmente úteis ao me apresentarem um pouco da percepção do que ocorre na Austrália e em Cingapura, onde eles respectivamente ministram.

Sou grato a Collin Hansen e Jeff Robinson pelo convite para escrever este livro e por sua colaboração ao longo do caminho. Greg Strand também deu um feedback relevante. Justin Taylor e Andy Naselli me direcionaram a várias fontes úteis. Como sempre, toda a equipe da Crossway realizou um trabalho incrível. Um agradecimento especial a Thom Notaro, por seu trabalho editorial cuidadoso.

Prefácio

Há alguns anos, observei com interesse um ministro veterano que eu admirava muito demitir-se de seu ministério no Canadá e partir para servir na França. Ele já falava francês com certa fluência e estava muito intrigado com o tamanho diminuto das igrejas evangélicas daquele país e com o seu pequeno número. Assim, não muito antes da idade em que muitas pessoas sonham com a aposentadoria, ele se sentiu chamado por Deus para atender a essa grande necessidade e partiu.

Sua permanência lá durou pouco mais de trinta meses antes de ser convidado a se retirar pelo mesmo grupo de igrejas evangélicas que o convidaram de forma calorosa a vir e ajudá-las.

Por volta da mesma época, conheci um jovem que se tornou missionário em um país eslavo que sem dúvida poderia ter se valido de sua ajuda. Com menos de dois anos de permanência ali, ele também foi convidado a sair.

O primeiro homem provinha de uma denominação norte-americana que se opunha com veemência ao uso de álcool pelos cristãos. Credo na certeza moral dessa posição, ele tentou convencer seus irmãos em Cristo franceses de que seu posicionamento estava errado. Do ponto de vista dos franceses, porém, ele não só estava errado; ainda que ele estivesse certo, achavam que ele estava fazendo tempestade em copo d'água. Ele insistiu no tema e tocou no assunto com tanta frequência que logo sua posição se tornou insustentável.

O segundo homem procedia de uma denominação norte-americana independente em que ele aprendeu várias de suas práticas éticas (talvez alguém hesite em chamá-las princípios). Os irmãos em Cristo eslavos consideravam-no desregrado e indisciplinado: seria

inimaginável frequentar locais onde homens e mulheres nadassem juntos! Os incrédulos agem assim, ao expor grandes porções do corpo nu e ao minar os esforços dos cristãos para seguir o caminho da castidade e santidade. Infelizmente, ele lhes interpretou a atitude como uma interferência em sua liberdade cristã, e pouco tempo depois foi aconselhado a voltar para a Califórnia.

Esses dois exemplos lidam com algo não tratado de forma direta por Gavin Ortlund, ou seja, os desafios das práticas eclesiais, códigos de conduta e comunicação interculturais. Mesmo assim, por trás desses assuntos jaz um tema maior, uma questão tratada de forma poderosa pelo Dr. Ortlund neste livro repleto de insights e perspicácia. Trata-se do tema da *triagem teológica*.

Pelo que sei, a expressão “triagem teológica” foi cunhada por R. Albert Mohler, ao extrair analogias da triagem médica. No local de um terrível acidente ou de alguma outra ocorrência violenta, poucas pessoas podem estar presentes de imediato a fim de prestar os primeiros socorros a todas as vítimas. É preciso tomar decisões: deve-se concentrar a atenção inicial na vítima com queimaduras graves, na vítima que sangra em profusão ou na vítima com um par de membros quebrados? Faz parte da responsabilidade das primeiras equipes de triagem tomar essas decisões difíceis. De modo similar, no âmbito da teologia algumas questões são mais importantes ou mais urgentes que outras, e os cristãos que têm o dever de decidir sobre como melhor empregar sua energia precisam exercitar seu juízo piedoso sobre para onde direcionar suas prioridades teológicas.

De maneira muito útil, Ortlund desenvolve quatro camadas em seu sistema de triagem teológica: 1) doutrinas *essenciais* ao evangelho; 2) doutrinas *urgentes* para a saúde e a prática da igreja, de tal modo que os cristãos costumam se dividir em denominações por causa delas; 3) doutrinas *importantes* para um ou outro ramo da teologia, mas não

de tal forma que conduzam à separação; 4) doutrinas *sem importância* para o testemunho do evangelho e para a colaboração ministerial.

É claro que alguns cristãos se distanciam dessas redes de triagem. Se a Bíblia afirma algo, eles admitem, trata-se da verdade de Deus, e ela não deve ser relativizada ou declarada mais (ou menos) importante que qualquer outra parte da verdade divina. Outros recorrem ao que se pode designar “teologia do MMC” (mínimo múltiplo comum). A questão que lhes interessa é esta: Qual é o *mínimo* de crença ao qual qualquer pessoa deve aderir a fim de ser cristã? Essas estratégias evitarão de imediato todas as tentativas de realizar a triagem teológica.

É precisamente aqui que Ortlund se torna um guia proveitoso. Ele utilmente destaca que Paulo (para não ir mais longe) designa algumas doutrinas como questões “de primeira importância” (1Co 15.3), ao passo que outras crenças permitem certas diferenças de opinião (Rm 14.5). Com certeza, quando o apóstolo se encontra em cenários culturais diferentes, ele se sente livre para destacar aspectos ligeiramente diferentes à medida que leva em conta o público (compare os sermões em Atos 13 e 17, respectivamente: um em uma sinagoga e o outro no Areópago). O livro procura estabelecer uma linha clara de pensamento sobre essas questões. Quando chega a exemplos concretos, Ortlund está mais desejoso de que você aprenda a pensar sobre a importância da triagem teológica do que concorde com todas as conclusões dele. E isso se torna ainda mais importante quando a triagem teológica se sobrepõe aos desafios da comunicação intercultural.

Este livro é um pequeno exercício de como ler a Bíblia e usá-la com humildade, cuidado, fidelidade e sabedoria, como trabalhadores que não têm de que se envergonhar.

Introdução

Existe um adágio antigo (sou incapaz de me lembrar onde o ouvi) que diz: “Não há nenhuma doutrina pela qual um fundamentalista não batalhará, e não existe nenhuma doutrina pela qual um liberal batalhe”. Em sentido estrito, o adágio não é muito justo em relação aos liberais e aos fundamentalistas mais ponderados. Contudo, é provável que se possa reconhecer esses dois instintos. A maior parte de nós pende para uma direção ou outra — ser muito ou nada combativo em relação às doutrinas.

Este livro versa sobre o encontro de um ponto feliz entre os dois extremos — o lugar onde a sabedoria, o amor e a coragem serão de mais serventia à igreja e promoverão o evangelho em nossos dias de divisão. Em outras palavras, trata-se de encontrar os pontos certos pelos quais lutar.

Albert Mohler desenvolveu uma metáfora muito útil para essa ideia: a *triagem teológica*.¹ Em essência, a triagem é um sistema de priorização frequentemente usado no contexto médico. Por exemplo, se você for um médico no campo de batalha, não lhe será possível tratar todos os soldados feridos ao mesmo tempo; assim, deve-se desenvolver um processo para determinar os ferimentos a serem tratados em primeiro lugar.

O uso do conceito da triagem no contexto teológico preciniza dois aspectos. Primeiro, as doutrinas têm graus diferentes de importância. Vale a pena lutar por alguns pontos; por outros, não. Por mais simples que pareça, muitas pessoas, em princípio ou na

¹Por exemplo, veja R. Albert Mohler Jr., *The disappearance of God: dangerous beliefs in the new spiritual openness* (Colorado Springs: Multnomah, 2009), p. 1-8.

prática, negam isso — falarei mais sobre o tema em um instante. Segundo, a triagem presume a urgência das necessidades. Pode-se passar muito tempo cuidando de um braço quebrado enquanto alguém sofre uma hemorragia a três metros de distância. Caso você não tenha ninguém com o braço quebrado para tratar, nem alguém à beira da morte, pode dar mais atenção a um dente lascado ou a um hematoma. Contudo, quanto mais desafiadoras forem as questões, mais decisões difíceis terá de tomar.

De modo similar, se as almas não estivessem a perecendo, se a nossa cultura aparentemente não estivesse entrando em um turbilhão de confusão e indignação, se a igreja não passasse por tantas necessidades debilitantes — suponho —, se essas não fossem as condições enfrentadas, poderíamos renunciar à triagem teológica e trabalhar em todas as doutrinas de uma vez. Contudo, as terríveis necessidades dos tempos atuais exigem que tomemos decisões estratégicas de priorização a fim de sermos o mais eficientes possível para agradar a Cristo, servir à igreja e promover o evangelho.

Ora, todos entendem a importância da triagem no contexto médico. Pense no que aconteceria se ela não existisse! Uma pessoa perderia um membro para que outra pudesse ter o braço tratado. No pior cenário, uma pessoa morreria para que outra pudesse ter um ferimento enfaixado.

Muitas vezes nos esquecemos de pensar da mesma forma sobre a teologia. Às vezes, nivelamos todas as doutrinas — porque queremos lutar por tudo ou porque não desejamos lutar por nada. Mais comumente, contamos com algum tipo de triagem teológica funcional, mas não pensamos nisso de forma muito cuidadosa. Como resultado, a triagem é determinada pela reação às circunstâncias e pelo temperamento, em vez de moldada proativamente pela Escritura e por princípios.

Existem muitas maneiras de distinguir doutrinas.² Neste livro, sugeri quatro categorias básicas. Também há as subcategorias para explorar, mas essa classificação quádrupla deve ajudar como ponto de partida:

- As doutrinas primárias são *essenciais* ao próprio evangelho.
- As doutrinas secundárias são *urgentes* para a saúde e a prática da igreja, de modo que com frequência causam a separação dos cristãos no nível da igreja local, denominação e/ou ministério.
- As doutrinas terciárias são *importantes* para a teologia cristã, mas não são suficientes para justificar a separação ou a divisão dos cristãos.
- As doutrinas quaternárias são *menos importantes* para o testemunho do evangelho e a colaboração entre ministérios.

²Erik Thoennes, *Life's biggest questions: what the Bible says about the things that matter most* (Wheaton: Crossway, 2011), p. 35, sugere uma categorização quádrupla semelhante: “Os absolutos definem as crenças centrais da fé cristã; as convicções, ainda que não constituam as crenças centrais, podem exercer um impacto significativo sobre a saúde e a eficiência da igreja; as opiniões são questões menos claras pelas quais, de modo geral, não vale a pena causar divisão; e as questões são no momento assuntos não resolvidos”. Outra gradação consiste em dogma, doutrina e opinião (Roger E. Olson, *The Mosaic of Christian belief: twenty centuries of unity and diversity* [Downers Grove: InterVarsity, 2002], p. 44 [publicado em português por Vida sob o título *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*]). Daniel B. Wallace, “My take on inerrancy”, Bible.org, disponível em: <https://bible.org/article/my-take-inerrancy>, acesso em: 10 ago. 2006, apresenta uma lista útil e um pouco mais matizada dos quatro tipos de doutrinas (grifos do autor da citação):

1. Quais doutrinas são essenciais para a *vida* da igreja?
2. Quais doutrinas são essenciais para a *saúde* da igreja??
3. Quais doutrinas distintivas e doutrinárias são necessárias para a *prática* da igreja local?
4. Quais doutrinas pertencem ao âmbito *especulativo* — ou jamais devem dividir a igreja??”

Neste livro, considero a Trindade, por exemplo, uma doutrina primária, o batismo, uma doutrina secundária, e o milênio, uma doutrina terciária (direi mais a respeito dela a seguir). Um termo mais antigo, tomado de empréstimo da língua grega, que corresponde de forma aproximada à quarta categoria é *adiáforo*, significando literalmente “coisas indiferentes”. Nos círculos luteranos e puritanos, o termo foi usado para identificar práticas ou conceitos não ordenados nem proibidos pela Escritura. Um exemplo de tema quaternário consiste nos instrumentos musicais usados no culto ou no número de anjos que existem. As questões quaternárias podem ser relevantes para a prática ou estimulantes em sentido intelectual, mas não têm importância *teológica*.

É claro que nem todas as doutrinas se encaixam de modo perfeito em uma dessas quatro categorias,³ mas elas, pelo menos, oferecem uma estrutura básica para a qual, se necessário, podem-se apresentar mais especificações e nuances.

Talvez você se interesse por este livro, caso tenha lutado com questões semelhantes a estas:

- Como podemos buscar tornar real a oração de Cristo pela unidade da igreja (Jo 17.21) sem transgredir à sua ordem de obedecer a todas as ordenanças dele (Mt 28.20)?
- Que parcerias e alianças são adequadas entre os cristãos de denominações, redes de trabalho ou grupos diferentes?

³Apresentei esse esquema quádruplo pela primeira vez no artigo de minha autoria “When should doctrine divide?”, *The Gospel Coalition*, disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/when-should-doctrine-divide>, acesso em: 14 ago. 2017. Parte do material encontrado aqui expande trechos do artigo, bem como meu artigo anterior “3 reflections on cultivating theological poise”, *The Gospel Coalition*, disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/cultivating-an-ethos-of-poise>, acesso em: 10 ago. 2015.

- Que tipo de postura e discurso são mais úteis na interação com aqueles no corpo de Cristo de quem discordamos de forma significativa em sentido teológico?
- Como tratar, com integridade e transparência, divergências pessoais de convicção que possam surgir com sua igreja, seu chefe, sua denominação ou instituição religiosa?

Ou talvez você se identifique com um dos seguintes cenários fictícios:

1. Você é relativamente novo na equipe pastoral de uma igreja local e tem reservas em relação à letra de determinada canção que a congregação está acostumada a cantar. Você pensa se a questão é importante o suficiente para valer a pena tocar no assunto, e, se for, quando precisamente será o tempo certo para lidar com ela, além de como deve ser o processo de comunicação com a igreja.

2. Há vários anos, você trabalha em um ministério paraeclesialístico. Como parte de seu contrato, você precisa, todos os anos, reafirmar sua adesão à declaração de fé da denominação com que o ministério está associado. Tal declaração afirma um conceito particular sobre o fim dos tempos que você não estudou muito quando aceitou o trabalho, e você se encontrava feliz nesse momento em afirmá-lo. Entretanto, com o passar dos anos, sua insatisfação com o conceito cresceu, e agora você se afasta dele, embora não esteja totalmente decidido. Hesita em continuar a estudá-lo, por medo de parar em uma posição que ameace seu trabalho. Em sua consciência, você se pergunta em que ponto precisa comunicar suas reservas sobre essa doutrina. Apenas quando estiver totalmente decidido? Sendo assim, como é o processo e como lidar com ele?

3. Um grupo de igrejas de sua localidade vai realizar um culto conjunto de adoração e evangelização. Você mantém diferenças teológicas significativas em relação à participação de outras igrejas

e pergunta a si mesmo se pode participar do culto com uma boa consciência. Como você decide o que fazer? E como seria possível lidar com essa situação de modo gracioso e humilde, sem comprometer suas convicções?

4. Você gosta muito de ouvir determinado pregador da Bíblia no rádio. Seus sermões são convincentes e edificantes. Contudo, um dia você fica sabendo que ele fala em congressos que dão ênfase ao “evangelho da prosperidade”, e começa a perceber aspectos de seu ensino que podem ser interpretados dessa forma. Como sua percepção da pregação desse pregador deveria ser alterada (caso seja necessário) por suas associações ministeriais mais amplas? Em que grau o ensino dele deve ser explicitado como uma vertente do evangelho da prosperidade antes de você parar de ouvi-lo?

5. Você está namorando de modo sério e pensando em casamento. No entanto, você e a pessoa com quem quer partilhar a vida têm conceitos diferentes sobre a expressão adequada dos papéis dos gêneros no casamento. Você conversa sobre essas questões com outros cristãos de confiança e estudou o tema com o futuro cônjuge, mas vocês dois não chegam ao consenso. Vocês devem se separar? Como você deve considerar suas diferenças?

Essas são algumas das situações que tenho em mente enquanto escrevo este livro, embora esperemos que o resultado seja mais do que uma série de respostas “o que fazer” para perguntas como essas. Em vez disso, procuramos pelo conjunto de instintos teológicos que possam nos orientar nas várias situações da vida real e do ministério. Assim, a variedade de questões tratadas neste livro pretende ser ilustrativa, não exaustiva.

Algumas das doutrinas que tratarei são causas pessoais de luta, como a Criação e o batismo. Todavia, quero deixar bem claro que meu desejo aqui não é converter você a meu conceito sobre essas doutrinas (é sério). Ao contrário, estou tentando entender como

fazemos teologia, tanto na formação de nossas convicções como na aplicação de sua luz à vida e ao ministério. Espero sinceramente que este livro o ajude na formação de suas *próprias* convicções sobre como a triagem teológica deve funcionar na sua vida e no seu ministério.

Escrevo a partir de uma perspectiva protestante evangélica, e faço o uso particular dos recursos disponíveis na tradição reformada. No entanto, os princípios e tópicos cobertos aqui são de ampla relevância, e eu ficaria muito satisfeito se cristãos de outras tradições ou não cristãos encontrassem neste livro alguma utilidade.

Uma advertência: algumas das questões mais controversas entre os cristãos não se referem às questões teológicas em si, mas às questões culturais, à aplicação da sabedoria e a temas políticos. Por exemplo, os cristãos deveriam mandar seus filhos para escolas públicas, particulares ou praticar o *homeschooling*? Em que circunstâncias, caso existam, os cristãos podem beber álcool? Quando e como se deve fazer referência a acontecimentos políticos e culturais atuais no culto? Todas essas questões são importantes, mas irei me concentrar mais em questões especificamente teológicas.

Assim, nos dois primeiros dois capítulos, vou identificar dois erros opostos para fornecer a estrutura geral do pensamento sobre a importância doutrinária. No capítulo 3, compartilharei um pouco sobre minha história. Isso ajudará a explicar como a temática do livro surgiu para mim e por que a considero tão importante. Também começará a nos conduzir a doutrinas específicas. Nos capítulos 4 a 6, lidaremos com uma série de doutrinas específicas à luz da triagem teológica, tentando identificar critérios de classificação e importância de assuntos diferentes.